

EUA ameaçam com o poder de veto

MIAMI — Uma vitória dos Estados Unidos na reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento que começa amanhã, em Miami, pode significar uma ameaça à pretensão do Brasil de obter recursos da ordem de um bilhão de dólares por ano, nos próximos quatro anos, que já estavam praticamente assegurados.

Os Estados Unidos estão querendo que esta reunião dos governadores do BID decida por lhes conceder o direito de veto absoluto sobre questões como política de empréstimos e destino final dos recursos. E isto não atingirá apenas o Brasil, mas todos os países latino-americanos.

Os poder de barganha norte-americano é grande: os Estados Unidos detêm 34,5% do capital do BID e estão prestes a canalizar mais 23 bilhões de dólares para repor os fundos já quase esgotados para ajuda latino-americana até 1990. E tudo indica que, aqui em Miami, o dinheiro novo pagará o direito de veto.

Os Estados Unidos querem que 35% de poder de voto, empatando com o seu capital, sejam suficientes para impor um veto. E assim, somados ao Canadá, já o teriam e poderiam vetar, por exemplo, que um recurso aprovado para programas de saúde pública e educação brasileiros fosse liberado apenas se desviado para programas de energia e financiamento às exportações que considerem mais importante. A contraposta dos diretores do Banco Interamericano de Desenvolvimento, entre eles Luiz Barbosa, do Brasil, é a de que o poder de veto seja atingido com 40% dos votos, que consideram como

"malor" concessão aos Estados Unidos, porque os obrigam a ter o apoio de um terceiro país.

Este impasse deverá dominar a agenda oficial da reunião do BID em Miami, onde estão chegando, desde ontem, mais de 1.500 banqueiros do mundo todo, fora os enviados especiais de 44 países. Ao todo serão três mil convidados que renderão à cidade cerca de 10 milhões de dólares em menos de uma semana.

A estrela desta reunião do BID é o maior devedor do mundo, o Brasil. A agenda do presidente do Banco Central, Francisco R. André Gros, que alguns estrangeiros chamam de François Robert André Gros, como se fosse francês, está completamente tomada, sem contar os pedidos de entrevistas de repórteres dos principais jornais do mundo. E antecipase, aqui, entre os representantes brasileiros, que Gros vai falar 10% sobre o BID, deixando o restante do seu discurso para a dívida, já que na plateia estarão todos os credores do Brasil.

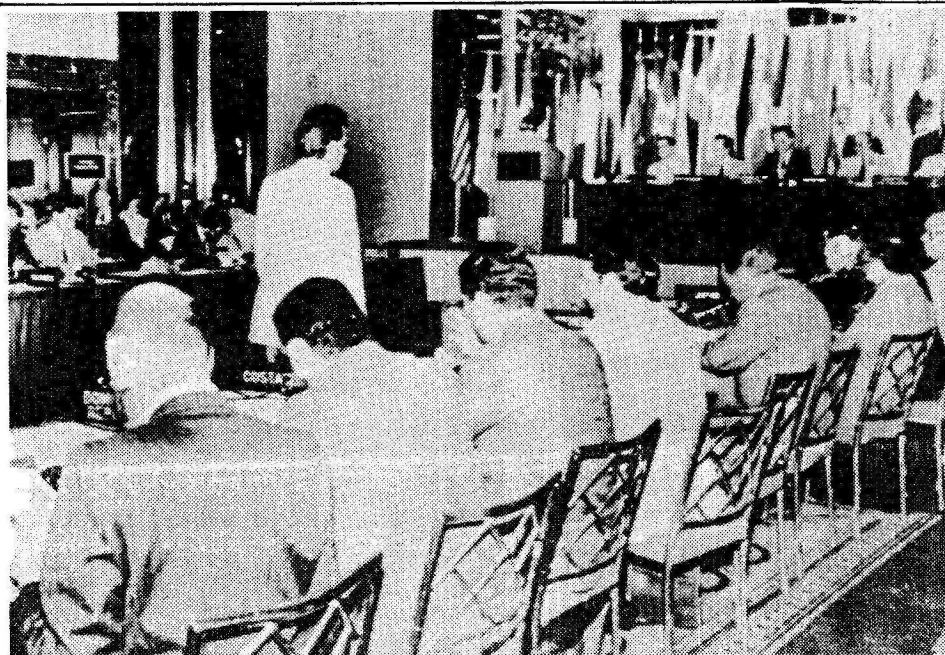
"Seria o público perfeito para a apresentação de um plano econômico brasileiro", como diz uma fonte da delegação do Brasil, acrescentando: "Mas

não é o Funaro quem vem, e nem sei também se já temos um plano..."

A outra estrela da reunião do BID é o anfitrião, James A. Baker III, o secretário do Tesouro norte-americano, que vem acompanhado, como se brinca por aqui, "do seu Pelé, Zico, Sócrates e Nilton Santos", um supertime que des-

mente a previsão de que "nada será alcançado", difundida durante toda a semana por vários porta-vozes da administração Reagan.

Não foi uma tentativa de esvaziar a reunião, comenta um observador. Foi, na verdade, uma estratégia. Os norte-americanos vêm com tudo para obter



Veto pode tornar-se impasse na reunião do BID

uma vitória e já a obtiveram em parte, com a oferta latino-americana de aceitar um veto com 40% dos votos.

Baker e Gros, as duas estrelas, deverão se encontrar, provavelmente amanhã, embora nada esteja ainda marcado. Então, um desdobramento sério da posição norte-americana pode vir à superfície: vitoriosos na reunião do BID, os Estados Unidos não só terão a palavra final sobre o destino dos recursos distribuídos na América Latina, como, ainda, poderão vetar um empréstimo como represália à suspensão do pagamento dos juros da dívida brasileira.

Isto é possível e provável, diz uma fonte, muito bem informada da diretoria do BID, que, consultada sobre outra represália americana, como o sequestro de aviões e navios brasileiros, lembrado esta semana por um ex-presidente do Citicorp, acrescentou:

"Neste caso é possível e está previsto, mas não é provável por causa dos inúmeros problemas políticos que viriam".

A reunião do BID será aberta oficialmente amanhã. Mas o movimento de limusines e Rolls Royces à porta do Hotel Inter-Continental de Miami já é intenso. Como neste ano a reposição dos fundos do BID está condicionada ao atendimento de uma imposição de veto norte-americano, o interesse cresce, e uma sala da imprensa, para 80 jornalistas do mundo todo, teve que ser montada no próprio hotel.

MOISÉS RABINOVICI
Enviado especial